

## Tamanduateí é um rio sólido

Órgãos consideram o rio navegável, mas excesso de sujeira e entulho impede transporte

### ESPORTES

#### Ramalhão estreia na quarta-feira

▼ O Santo André entra no Campeonato Paulista como um dos *calouros* em condições de encarar os grandes do circuito. A estreia será na quarta-feira, contra o Palmeiras. **Página 4**

#### VELHA FÓRMULA

#### Azulão aposta em operários

▼ Com um time formado por desconhecidos, o São Caetano entra no Paulistão com a estratégia utilizada em 2000 e 2001, quando foi vice-campeão brasileiro. **Página 4**

#### Confira a tabela completa de jogos do Paulistão

**Página 2**

#### Em amistoso, Corinthians goleia Estudantes por 5 a 1

**Página 3**

### EMPREGOS

#### Crise eleva procura por cursos

▼ Se por um lado a crise econômica diminui o número de interessados em fazer intercâmbio, por outro aumenta as matrículas nas escolas de idiomas, que já comemoram o número positivo neste começo de ano. **Página 1**

#### TEMPO

Nublado a parcialmente nublado  
**Mín. 21º**  
**Máx. 31º** **Setecidades 2**

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

#### 76 PÁGINAS

1º Caderno/Economia  
Setecidades  
Esportes  
Cultura & Lazer  
Dia-a-Dia  
Diário  
Imóveis  
Automóveis  
Empregos & Oportunidades



Dificuldade de navegação no Rio Tamanduateí obriga os bombeiros a entrarem na água para empurrar a embarcação em meio a entulho e sujeira

#### POLÍTICA

#### Novo legislativo é menos escolarizado

▼ As câmaras municipais do Grande ABC, a partir deste ano, terão menos integrantes com nível superior de escolaridade. No ano passado, dos 106 vereadores, 50 não tinham ensino superior (47,16%). Neste mandato, o percentual saltou para 55,5% (60 dos 108 parlamentares). São Caetano e Rio Grande ocupam as extremidades do ranking. **1º Caderno 3**

#### Cena Política reestrea na quinta-feira com novo colunista

**1º Caderno 5**

#### SEM CRISE

#### Ribeirão terá verbas do Estado e da União

▼ Convênios com os governos federal e estadual garantirão a Ribeirão Pires R\$ 12 milhões neste ano. O orçamento da cidade foi contingenciado em R\$ 8 milhões devido à crise. **1º Caderno 5**



Escola de samba de Santo André faz os preparativos para os desfiles da cidade, nos dias 21 e 22 de fevereiro

#### PROCON

#### Operadoras têm de ampliar segurança

▼ O Procon deflagra ofensiva para oferecer mais segurança aos usuários de telefonia móvel e fixa e evitar que as operadoras quebrem o sigilo telefônico. **1º Caderno 8**

#### SETOR AUTOMOTIVO

#### Venda de usados cai no Grande ABC

▼ Dados da associação que integra os revendedores de veículos seminovos apontam que a venda de usados em dezembro caiu 45% na região em comparação a novembro. **1º Caderno 7**

#### Globo aposta em exotismo da Índia na próxima novela das oito

**Cultura & Lazer 1**

#### Diário estreia blog e intensifica presença na internet

**Diário 4 e 5**

#### Franjas compõem visual de sapatos e bolsas na moda outono/inverno

**Dia-a-Dia 6 e 7**

Classificado por órgãos governamentais como um rio navegável, o Tamanduateí é local quase impossível para o transporte. Os repórteres Isis Mastromano Correia e Nário Barbosa fizeram uma viagem pelo rio e constataram que a lâmina d'água não passa da surpreendente marca de 40 centímetros de profundidade. Por conta disso, a embarcação, em vários momentos, ficou encalhada em ilhotas formadas por entulhos e lixo. A rota foi seguida graças a integrantes do barco, que tiveram de entrar na água para empurrá-lo na maior parte do trajeto. O Diário publica, a partir de hoje, uma série de reportagens sobre a situação do Rio Tamanduateí. **Setecidades 1 e 3**

#### Secretaria Estadual de Educação promete incentivos a superdotados

**Setecidades 6**

#### PREPARATIVOS

#### Carnaval da região custará R\$ 1 milhão

▼ Entre os dias 21 e 24 de fevereiro, quatro cidades do Grande ABC realizarão desfiles de escolas de samba. Por enquanto, apenas o Carnaval em Mauá ainda não está confirmado. Para proporcionar os dias de folia, as prefeituras gastarão juntas cerca de R\$ 1 milhão entre subvenção, infraestrutura e premiação. **Setecidades 4**

#### Três suspeitos de violarem caixa eletrônico são presos em São Bernardo

**Setecidades 5**

# Confira nossas ofertas no 1º Caderno.



CASAS

# BAHIA

DEDICAÇÃO TOTAL A VOCÊ

www.casasbahia.com.br



**Carnaval vai custar R\$ 1 mi às Prefeituras**  
Página 4



**Superdotados não recebem incentivo**  
Página 7



# SETECIDADES.

## Poluição compromete Tamanduateí

Estado considera rio navegável, apesar do excesso de esgoto e sujeira impedirem transporte

Isis Mastromano Correia



Um rio navegável e harmonioso. Adjetivos contraditórios quando se descobre que é assim que os órgãos governamentais classificam oficialmente o Tamanduateí. A partir de hoje, o rio será tema de uma série de reportagens do **Diário**.

Tentamos percorrer o rio em um barco do Corpo de Bombeiros e uma das constatações é a de que o Tamanduateí angariaria o exótico título de rio sólido, se a qualificação existisse (leia reportagem na página 3).

A lâmina d'água não passa de 40 centímetros, impossibilitando seu uso como hidrovia. Quase toda sua água é escoada junto com o esgoto e não há mais margens suficientes para reter a chuva e devolvê-la ao rio pelo lençol freático.

No Brasil, todas as águas doces, salobras e salinas são definidas conforme seu uso preponderante. Ao rio que cumpriu importante papel na formação das cidades do Grande ABC e da Capital restaram os usos que o Conama (Conselho Nacional de Meio Ambiente) define como os menos exigentes que as águas fluviais podem ter.

O Tamanduateí, que na região passa por Santo André, São Caetano e Mauá, pertence à chamada classe 4, que é a mais baixa classificação das águas doces, que podem cumprir tarefas nobres como abastecimento domésticos, recreação, irrigação de plantações e preservação da fauna e flora aquática.

O rio de muitas curvas, como era chamado o Tamanduateí pelos índios, está tão distante dos usos mais notáveis quanto o de cumprir o papel de ser navegável e harmonizar a paisagem urbana.

Muito trabalho terá de ser feito para que suas águas possam de fato ser percorridas.



Apesar da classificação como navegável, a lâmina d'água não passa de 40 centímetros, impossibilitando o uso do rio como hidrovia; pouca água se soma à sujeira e impede navegação

**Comece 2009 mudando de vida**  
Inscreva-se no Processo Seletivo Continuado da UniABC

- 39 anos de experiência em Educação ✓
- Incentivo à pesquisa científica ✓
- Moderna infra-estrutura ✓
- Apoio ao aluno na procura pelo estágio ✓
- Programa de bolsas de estudo ✓
- Descontos para empresas conveniadas ✓

Consulte todos os cursos em nosso site.

**Mensalidades a partir de R\$ 260,70\***

Inscreva-se já em [www.uniabc.br](http://www.uniabc.br)

**UniABC**  
Universidade do Grande ABC

**Local:** Avenida Industrial, 3.330 - Bairro Campestre - Santo André - Ligue: 0800 019 4233  
\*Facilidade: próximo à Estação Uruguaiana da CPTM. Terminal de Trânsito de Santo André e pista com São Caetano do Sul e São Paulo

Apesar de sua classificação, o Tamanduateí tornou-se o maior canal de esgoto a céu aberto do Grande ABC. Hoje, pelo menos 75% da água que se vê correr é de puro dejetos.

Mesmo assim, a definição das águas não pode ser alterada para um nível inferior, conforme regulamentação da Cetesb (Companhia de

Tecnologia de Saneamento Ambiental do Estado de São Paulo) e só o Comitê de Bacia do Alto Tietê pode mudá-lo de posição.

“O rio é navegável? Vai se navegar no esgoto?”, questiona o presidente do MDV (Movimento em Defesa da Vida), o ambientalista Virgílio de Farias. “Adequa-se a classe da água ao interesse

político.”

A maneira como o rio é hoje utilizado era manifestada de forma escancarada no passado. Na década de 1950, existia a classe 5, quando a legislação considerava a possibilidade de existir escoadouros naturais de esgoto. Era essa, justamente, a função do rio. A mesma que, 58 anos depois, conti-

nua a prestar.

Com o passar dos anos e o sem número de leis que regulam a atuação da sociedade sobre os meios naturais, a definição, que hoje seria considerada anti-ética, caiu por terra, apesar de a própria realidade do rio estar fora de qualquer princípio de preservação. ▲

Mais informações na página 3.

Para ser navegável rio depende de obras públicas

▼ Para o diretor da Hidrostudio, empresa que atua no campo de recursos hídricos e drenagem urbana, Aluísio Pardo Canholi, a classificação dada ao Tamanduateí é incompatível.

“Não é navegável porque tem alta declividade, alta velocidade e lâmina d'água sempre muito baixa”, explica. “Há ainda a questão crucial das enchentes. Você não pode fazer nada dentro do rio hoje que possa eventualmente reduzir sua capacidade de vazão.”

Canholi, que coordenou o Plano Municipal de Macrodrenagem de Santo André, em 1998, explica que o rio pode voltar a ser navegável, como foi até o início do século passado, mas isso, se o poder público investir em obras.

Para o especialista, barragens móveis poderiam ser construídas ao longo do rio para que a água pudesse ser retida nos períodos de seca e evacuadas na época das cheias.

“Isso é feito em vários rios europeus”, explica Canholi. “Mas, para iniciar qualquer obra teria de definir primeiros que tipo de navegação teríamos ali, para recreação ou para transporte, por exemplo”, argumenta.

Para aumentar a quantidade de água do Tamanduateí, Canholi sugere que as ETES (Estações de Tratamento de Esgoto) sejam distribuídas ao longo do curso das águas para que o esgoto tratado seja devolvido ao rio de maneira uniforme em todos os pontos de sua calha.

“Se os esgotos parassem de ser jogados no rio, haveriam vários trechos com vazão próxima de zero. Só a região do Córrego dos Meninos teria mais água pela proximidade da ETE-ABC”, fala o engenheiro.

IMC



Trechos deteriorados tomam passagem de barco praticamente impossível em dias de pouca água



Em trechos onde a navegação é possível, nota-se a dimensão do leito do Tamanduateí

# Falta água para navegar no Tamanduateí

Reportagem acompanha bombeiros em incursão pelo rio e não consegue cumprir todo o curso

Isis Mastromano Correia



“Enquanto me preparo, o sargento do Corpo de Bombeiros

José Luiz Zago, um especialista em salvamentos em rios e enchentes, me diz que ‘de fora é uma coisa, lá dentro vai ser outra bem diferente’. Parecia um tanto irreal, afinal, qual seria o segredo de saltar em um barco e remar dentro do Tamanduateí?

Galochas, capacete e bóias a postos, me ponho a descer a margem do rio pela Rua Cineasta Glauber Rocha, rua próxima ao Mauá Plaza Shopping, no Centro da cidade. Até ali, nenhum frio na barriga que pudesse antever o que se passaria nas horas seguintes da manhã da última quarta-feira.

Pronto, todos estavam dentro do barco. O sargento, o tenente dos Bombeiros, Gilson Carlos de Oliveira, o fotógrafo Nario Barbosa e eu.

E logo na primeira remada, ou naquela que depois eu entendi que foi somente a tentativa inicial de se remar ali, tive a revelação mais estarrecedora que se pode ter estando sobre um



Fotos: Nario Barbosa

‘O Tamanduateí, por vezes assustador visto lá de cima, não passa de 40 centímetros de profundidade. Isso porque na madrugada anterior à nossa incursão havia caído um verdadeiro pé-d’água’

rio: ele não tem água.

Pois é, o Tamanduateí, por vezes assustador visto lá de cima, sobretudo em dias de chuva forte, não passa de 40 centímetros de profundidade. Isso porque na madrugada anterior à nossa incursão pelas

águas havia caído um verdadeiro pé-d’água.

Depois de tentar nos desencilhar por pelo menos cinco minutos, o sargento Zago, à frente do barco todo o tempo, cedeu. Os remos se tornaram acessórios desnecessários pa-

ra quem teve de puxar pelos braços a embarcação de, pelo menos, 400 quilos durante quase todo nosso caminho.

E a cada cinco minutos, para ser bem otimista, encalhávamos em alguma ilhota formada de carpetes, pneus, chinelos,

roupas, garrafas e claro, fezes. Em tamanha quantidade diluída nas águas que era melhor nem pensar muito.

Mas era difícil. A cada gotícula respingada em cima das partes descobertas de nosso corpos, o cérebro man-

dava o alerta vermelho de que ali coliformes fecais e toda sorte de micróbios fariam a festa às nossas custas. É justo, afinal tudo o que hoje está depositado no rio não pertence a ele. Foi despejado ali por nós mesmos. ▲



Descida ao barco, perto da Rua Cineasta Glauber Rocha



Embarcação teve de ser puxada em vários pontos

## Dois quilômetros e meio em três horas

▼ “De fato, o rio não é naturalmente navegável. Para percorrer cerca de 2,5 quilômetro demoramos nada menos do que três horas (das 11h às 13h, aproximadamente).

Foi o tempo que levamos do Centro de Mauá até a área da Recap (Refinaria Capuava), em Capuava, um caminho que de carro estamos acostumados a fazer em 15 minutos.

E, se para os índios o rio era considerado de muitas curvas, hoje, devido às mil e uma influências do progresso, ele está retilíneo.

Do início ao fim, o barco foi absolutamente instável dentro da água. Quem já andou em alguma embarcação deve saber o enjoo que se sente.

Mas, a sensação característica desse tipo de viagem, somada ao cheiro desconunal

de fezes e lixo e ao sol a pino daquela manhã estavam quase me transformando em uma vítima a ser salva pelos dois bombeiros do que em um dos sujeitos daquela história toda.

Os efeitos do passeio me perseguiram até o dia seguinte. Náusea, dor de cabeça, mal-estar...

De cima, aqueles coletores que despejam esgoto no rio não parecem tão grandes quanto quando são encarados. Estávamos há cinco metros abaixo do nível das ruas. Um outdoor ou outro nas margens nos dava pista do nosso paradeiro.

Os famigerados ratos não deram as caras nas horas em que estivemos dentro do rio. Já as baratas, boiavam aos montes.

Em uns 40 minutos de viagem, tivemos de descer do barco e pisar nas águas para colocar a embarcação no rumo novamen-

te. A cena se repetiu na favela do Oratório, em Mauá, quando não só tivemos de desembarcar como escalar a margem, atravessar um trecho pelos barracos e alcançar o barquinho em outro ponto do Tamanduateí.

Como o fundo do rio é formado pelos detritos oriundos de entulho, a canopla de um dos remos não resistiu a tamanho trabalho – o de afastar a terra e a areia para nos dar passagem pelo leito – e quebrou.

A nossa intenção era seguir até São Caetano, mas certamente, demoraríamos umas oito horas. Consideramos a missão cumprida quando, com muito custo, chegamos nas dependências da Recap.” IMC

Amanhã, o Diário mostra a contaminação do Tamanduateí.



Fundo do Tamanduateí é formado por entulho



Rio é cheio de ilhotas formadas por lixo, folhas e fezes

**Ainda dá tempo!**

*Compromisso e competência formando gerações*

**VESTIBULAR 2009**

**inscrições até 30/01**

prova 01/02

**MENSALIDADES REDUZIDAS**

**FSA**

**Fundação Santo André**

Colégio • Graduação • Pós-Graduação

4979-3333 [www.fsa.br](http://www.fsa.br)

# Tamanduateí tem pouco monitoramento

Cetesb tem dois pontos de análise do rio de 35 quilômetros; contaminação começa na nascente

Isis Mastromano Correia



Só dois pontos dos 35 quilômetros de extensão do Rio Tamanduateí

são monitorados pela Cetesb (Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental do Estado): um na ponte da Avenida dos Estados, na divisa entre São Caetano e a Capital, e o outro em São Paulo, na Avenida Santos Dumont. A qualidade da água do restante da bacia não é acompanhada senão por algumas empresas do pólo petroquímico, em Mauá, que têm outorga para utilizar parte das águas.

A escassez de dados relacionados ao Tamanduateí, sobretudo no trecho que passa pelo Grande ABC, deu margem à elaboração de um estudo pela química e pesquisadora do Centro Universitário Fundação Santo André, Simone Garcia de Ávila, que monitorou a condição das águas em seis pontos do rio pela região que são descobertos de qualquer tipo de avaliação. “É um trabalho que deveria ser feito pelos governos de forma constante”, avalia a especialista.

O levantamento abrangeu uma área de 12 quilômetros e teve início na nascente do rio, na Gruta Santa Luzia, no Jardim Itapeva, em Mauá. O estudo revela que o Tamanduateí está arruinado desde seu início por influência do esgoto sem tratamento despejados ao longo do leito.

Coliformes fecais proíbem o consumo humano já na nascente. Ali, a cada 100 ml de água existem 50 UFC (Unidade Formadora de Coliforme), nível aceito apenas para águas destinadas à recreação e outros usos menos exigentes do que o consumo.

E se a cabeceira que está situada em área protegida tem essa condição, o restante do rio só faz piorar. Há 300 metros da nascente, as primeiras tubulações começam o despejo de esgoto doméstico. O aumento do número de moradias entre primeiro ponto de amostragem ao segundo é da ordem de 10.000 vezes, o que mostra que, a partir deste ponto, a descarga de esgoto doméstico é intensa.

Ao longo de todo o rio, até o bairro Capuava, em Mauá, há a presença de lixo caseiro, coliformes em quantidade que impossibilita até mesmo atividades de recreação e cistos de giárdia lamblia (microorganismo que pode causar diarreia) foram encontrados em dois pontos: na Avenida Barão de Mauá e no Centro de Mauá.

Simone explica que o ponto mais crítico é o trecho do rio que passa por trás do Mauá Plaza Shopping com altas concentrações de coliformes e cistos de giárdia. É o ponto onde as margens estão especialmente tomadas por casas.

À medida que o curso do rio se aproxima do aglomerado de indústrias no bairro Capuava, em Mauá, até o bairro Santa Terezinha, em Santo André, os micróbios dão lugar aos fenóis, substâncias químicas que podem ser usadas como solvente e desinfetante. Altamente corrosivo, o produto pode causar irritação e lesões na pele se o contato direto for prolongado.

A concentração de fenol encontrada foi igual a 1,2 mg/l no último ponto de amostragem, nas proximidades da indústria Rhodia, estava acima do permitido, o que evidencia a contaminação por efluentes industriais. O índice permitido é inferior a 1 mg/l. ▲

## SEIS PONTOS



1 – Nascente na Gruta Santa Luzia, Jardim Itapeva, Mauá. Águas não podem ser utilizadas para consumo por causa de coliformes fecais, indicio de que esgoto sem tratamento é despejado perto da cabeceira.



2 – Rua Luzia da Selva Itabaiana, a 300 metros da nascente, Jardim Itapeva, Mauá. Apesar de ter as primeiras tubulações de esgoto, local apresenta índice de oxigênio dissolvido dentro do permitido.



3 – Ponte na altura do número 4.000 da Av. Barão de Mauá. Ocupação no entorno começa a intensificar e há influência constante de grande quantidade de veículos. Cistos de giárdia fazem as primeiras aparições.



4 – Centro de Mauá, atrás do Mauá Plaza Shopping, próximo a Vila Magini. Ponto mais crítico, onde não há oxigênio dissolvido. Cistos de giárdia foram encontrados, além da grande quantidade de coliformes fecais.



5 – Proximidades do Pólo Petroquímico, na Avenida dos Estados, Capuava, Mauá. Ali, o índice de oxigênio dissolvido está dentro dos parâmetros, mas há grande concentração de resíduos sólidos.



6 – Avenida dos Estados, Santa Terezinha, próximo à Rhodia, Santo André. Surgem indícios de efluentes industriais por causa da presença acima do permitido de fenol, substância altamente corrosiva.

## Dos três padrões de qualidade da água, só acidez está aceitável

▼ Por ser um rio enquadrado na classe 4 – cujo uso preponderante deveria ser a navegação e harmonia paisagística, conforme modelo estabelecido pelo Conama (Conselho Nacional de Meio Ambiente) – existem padrões de qualidade das águas apenas para três parâmetros: oxigênio dissolvido, que ajuda na decomposição de matéria orgânica, pH e fenóis.

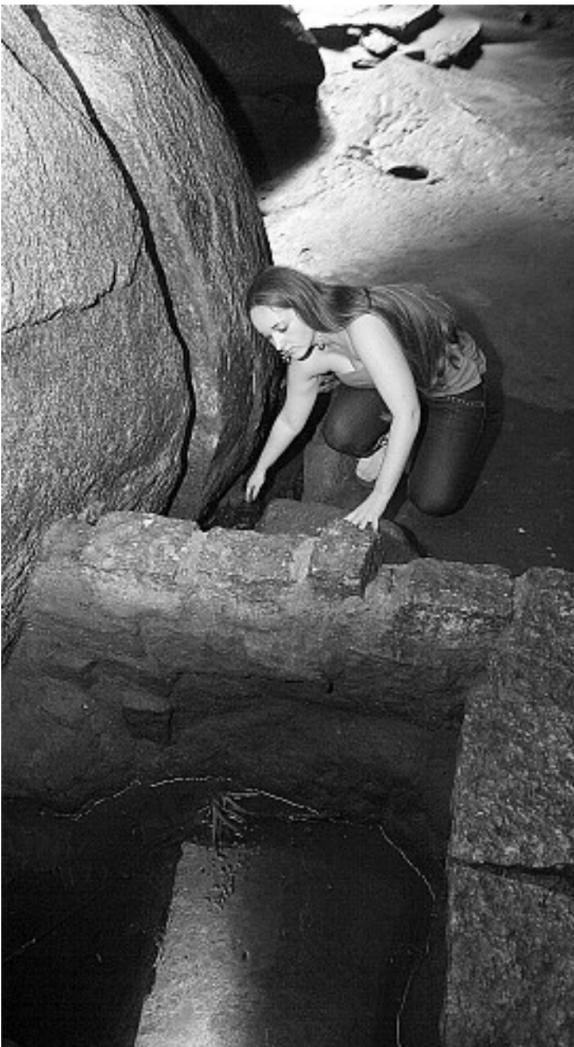
A responsável pela pesquisa do Centro Universitário Santo André, Simone Garcia de Ávila, diz que o pH (valor de alcalinidade ou acidez) foi o único dos parâmetros averiguados no qual o rio está dentro dos limites permitidos. O Tamanduateí apresentara pH próximo a sete, que indica neutralidade. “Provavelmente, as indústrias próximas ao rio devem ajustar o pH de seus efluentes antes de despejá-los no Tamanduateí”, diz Simone.

Contudo, além destes parâmetros, a especialista analisou outros fatores que também comprometem a quali-

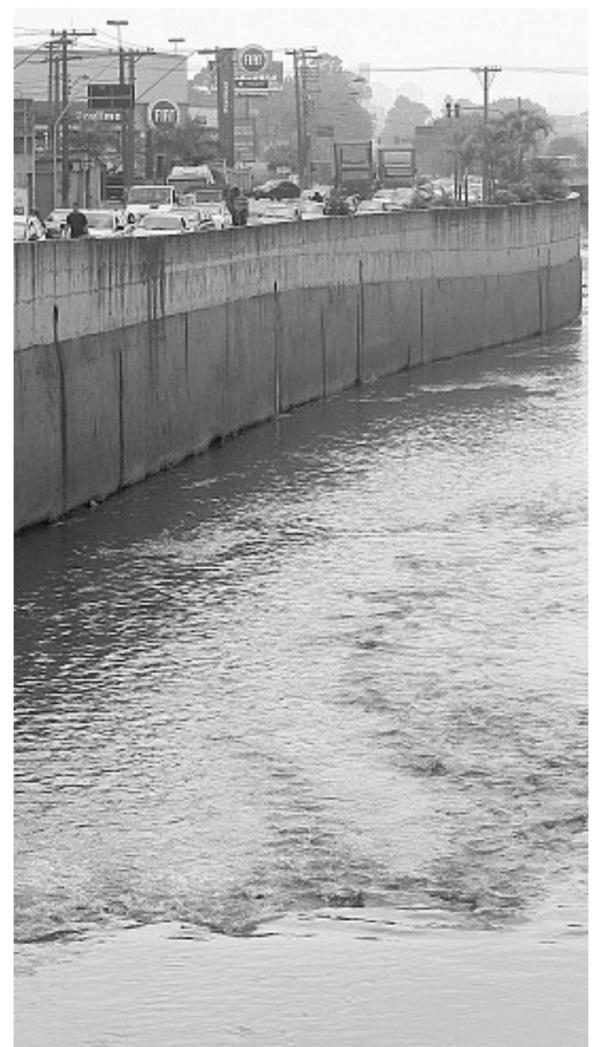
dade da água. A nascente, 300 metros após a cabeceira do rio e junto ao pólo petroquímico são os únicos pontos que apresentaram índice de oxigênio dissolvido dentro do permitido. “A classificação dada ao rio acaba inibindo ações para melhoria da qualidade da água já que o uso proposto não é tão exigente”, aponta Simone.

Como o rio é margeado por vias importantes – sobretudo a Avenida dos Estados –, Simone Garcia também pesquisou a influência dos veículos na qualidade das águas do Tamanduateí.

A pesquisadora concluiu que os poluentes atmosféricos como monóxido de carbono, dióxido de carbono, óxidos de enxofre e nitrogênio não afetaram a qualidade da água no período em que a pesquisa foi feita. Em contato com a água, os óxidos podem originar ácidos. “Mas esse resultado pode mudar, não significa que é uma constante, por isso é importante uma avaliação regular da água”, diz Simone. **IMC**



Pesquisadora Simone Garcia Ávila: ‘É importante uma avaliação regular’



Rio é margeado por vias importantes e impacto dos carros tem de ser medido

## 4 SETECIDADES

# Projetos tentam novos usos para rio

Programas ousados pretendem dar outro sentido para as águas do Tamanduateí

Isis Mastromano Correia



Projetos amplos e ousados tentam dar um novo sentido para as águas do Rio Tamanduateí. Transformadas no principal desaguidouro do esgoto de Mauá e Santo André, há luzes no fim do túnel apontadas por especialistas e até mesmo pelo poder público que sugerem um futuro promissor para as águas e seu entorno.

Vem da Prefeitura de Santo André um dos planos pioneiros para reverter a condição imposta ao rio ou pelo menos às suas margens.

Trata-se do projeto Eixo Tamanduatehy que completa 11 anos em 2009, mas que até agora não foi concluído.

Concebido na gestão do ex-prefeito Celso Daniel, a ideia era requalificar uma faixa de 12,8 km<sup>2</sup> ao longo da ferrovia e da várzea do rio com a construção de condomínios residenciais, hotéis, escritórios, supermercados, centros educacionais e áreas verdes projetadas.

O grande calcanhar-de-aquiles do Eixo Tamanduatehy, por contradição, é o próprio rio, que, pelo arranjo proposto, permaneceria morto, sem utilidade (leia



Para ser navegável, leito do Tamanduateí teria de ser afundado para ter pelo menos um metro e meio de profundidade e os sedimentos retirados constantemente

abaixo reportagem sobre soluções para uso das águas).

Especialistas acreditam que o projeto andreense falha ainda por depender em demasia da iniciativa privada para avançar.

“O único empreendimento público atraído para o eixo formado pelo rio foi a UFA-BC (Universidade Federal do ABC), na Avenida dos Estados”, lembra a socióloga da USP (Universidade de São Paulo) Rosângela Fred Lino.

ABC Plaza Shopping, a rede de hotéis Ibis, o Auto

Shopping Global, o Carrefour e a UniABC são frutos do projeto municipal.

João Avamileno (PT), ex-prefeito de Santo André que herdou a missão de levar o Eixo Tamanduatehy adiante, garantiu em entrevista concedida ao **Diário**, dois meses antes de deixar o comando da cidade, que 70% do projeto foram concluídos. Fica para trás a famigerada Cidade Pirelli, obra que prometia a construção de diversos blocos comerciais, casa de espetáculos, rua 24 horas, centro de convenções e

um hotel quatro estrelas – uma parceria entre a empresa italiana e a Prefeitura.

Procurada, a atual administração de Santo André não informou se dará continuidade ao projeto que *costuraria* as duas metades de Santo André, historicamente divididas pelo rio.

“Há ainda o problema de áreas que deveriam ser de utilidade pública, como são as margens de um rio, que acabam ocupadas pelo setor privado”, aponta a cientista social da USP, Denise Ribeiro, espe-

cialista em sociologia urbana.

Na Capital, o Fura-fila, nascido na era do ex-prefeito Celso Pitta, foi, na visão de urbanistas, um projeto que tinha tudo para desoprimir o vale do Tamanduateí. Um dos *pecados* foi o projeto ignorar a ligação que poderia ser feita com o sistema ferroviário, a Linha 10 (Luz-Rio Grande da Serra) da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos).

O problema é que, mais uma vez, a água do rio ficaria em segundo plano. ▲

Investimento deve ser avaliado para apontar viabilidade

▼ É possível fazer do Tamanduateí uma hidrovia, mas a palavra-chave é investimento, aponta o coordenador do curso de Construção e Manutenção de Sistema de Navegação Fluvial da Fatec (Faculdade de Tecnologia) de Jaú, Vladimir Cancian Júnior.

“O Tamanduateí depende de uma obra de dragagem porque está tomado por sedimentos. Ele tem de ser todo tratado, como foi feito com o Tietê: um tratamento das margens e a retirada do lodo e da sujeira. Feito isso constantemente, pode ser navegável sim”, explica Cancian.

Faz parte ainda da força-tarefa afundar o leito para passar dos atuais 40 centímetros de profundidade para pelo menos um metro e meio.

Após essas intervenções, o Tamanduateí teria condições de servir inicialmente ao transporte de lixo, por exemplo, tendo em vista que a condução de pessoas é onerosa. “Tem de se construir embarcação especial, terminais e despoluí-lo, por causa do cheiro, senão os barcos teriam de ser fechados, com ar condicionado, o que encareceria ainda mais.”

IMC

## Professor propõe criação de hidrovia

▼ Contemporâneo ao Eixo Tamanduatehy, o professor Alexandre Delijaicov, da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) da USP propõe um plano que transformaria definitivamente o Tamanduateí em hidrovia.

Em sua dissertação *Os rios e o desenho urbano da cidade*, Delijaicov derruba a supremacia das grandes avenidas e prevê o transporte de pessoas sobretudo em horários de pico para desafogar trens e metrô. Lixo também seria levado pelo rio, como é feito em Paris, na França.

Além de transportar passageiros convencionais e materiais sólidos, as embarcações poderiam ser utilizadas para passeios, incrementando o turismo local.

A ideia é ainda integrar o Tamanduateí aos rios Pinheiros, Tietê e à Represa Billings que formariam um anel hidroviário metropolitano de 50 quilômetros de águas navegáveis. Vinte e dois quilômetros, quase a metade do traçado, seria um canal de ligação entre as represas Billings e Taiaçupeba.

O certo é que sem um projeto abrangente para a bacia do Tamanduateí, os rios metropolitanos permanecerão sem outra função senão serem canais de esgoto.

Delijaicov mostra tecnicamente que tais construções são possíveis, baseando-se sempre em canais urbanos europeus, como os de Veneza, na Itália, e Amsterdã, na Holanda.

O Tamanduateí abrigaria

ainda três portos, sendo um deles em Santo André. Os demais ficariam no bairro da Mooca e na região do Parque Dom Pedro II, na Capital, locais também margeados pelo rio.

Assim como o projeto Eixo Tamanduatehy, da Prefeitura de Santo André, Delijaicov propõe a construção de parques no entorno do rio. As áreas verdes receberiam ciclistas e pedestres.

O professor propõe reservar espaço para prédios de até quatro andares nas várzeas, fazendo com que o rio ganhasse atenção dentro do espaço urbano. IMC

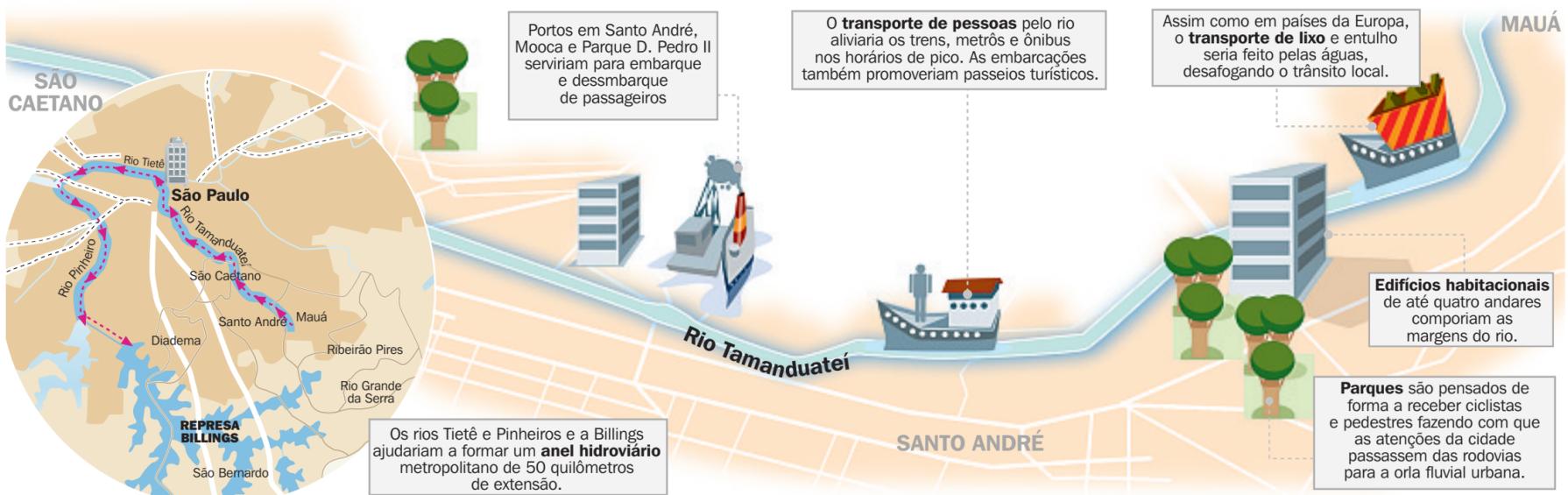
Amanhã, o Diário apresenta a poluição por esgoto no rio.



Em dissertação, professor da USP prevê o transporte por hidrovias para desafogar trens e metrô

## PROJETOS PARA O TAMANDUATEÍ

Veja qual seria o panorama do Tamanduateí se todos os projetos propostos por especialistas e poder público fossem aplicados em conjunto.



# Rio recebe esgoto de Mauá e Sto. André

Cerca de 2.000 toneladas de dejetos são despejadas mensalmente no Tamanduateí

Isis Mastromano Correia



Olhar para o Rio Tamanduateí significa observar muito pouco de sua própria água. O leito é alimentado especialmente por 2.000 toneladas mensais de esgoto doméstico que Santo André e Mauá despejam juntas no principal corpo d'água urbano da região.

Para se ter uma ideia, a vazão original do rio era de 30 metros cúbicos por segundo conforme as primeiras medições realizadas ainda no final dos anos 1800.

Dois séculos depois, o despejo desproporcional de esgoto, aliado à impermeabilização de boa parte das margens, fez o escoamento ultrapassar a marca dos 500 m<sup>3</sup>.

Sozinha, Mauá contribui com 1.142.000 m<sup>3</sup> de esgoto despejados por mês no rio e Santo André com outros 1.000.000 m<sup>3</sup> mensalmente. São Caetano, que também é cortada pelo rio, não despeja mais esgoto.

Para o geógrafo e professor de pós-graduação em



Fotos: Cetso Luiz 9/1/09

Para alguns especialistas, se todo o esgoto da região parasse de ser jogado no Tamanduateí, o rio passaria a ser um pequeno filete de água natural

Meio Ambiente da PUC (Pontifícia Universidade Católica) de Minas Gerais, Maurício Waldman, há pouca probabilidade de reverter a situação à qual o Tamanduateí está exposto: a de ser o maior canal de esgoto da região.

“Essa situação é irreversível no aspecto de remodelar o deslocamento de esgotos. O que está à mostra é uma situação extremamente inercial, com pouca probabilidade de retorno”, diz Waldman.

“Em princípio não tem

como mudar isso”, enfatiza o especialista, autor de vários livros sobre ecologia e de uma tese sobre as águas e a metrópole.

Toda rede de drenagem natural, todos os córregos que abastecem o Rio Tamanduateí já foram canali-

zados há tempos. O mesmo vale para o Rio Tietê.

A política de gestão das águas deve ser vinculada a políticas de ocupação do solo e de coleta de resíduos, afirmam especialistas (um quarto da poluição do Tamanduateí é formada de re-

síduos sólidos). Mas, o rio que corta o Grande ABC empaca na falta de integração do poder público em busca de melhorias.

Diferente até mesmo de seu vizinho Tietê, o Tamanduateí conta com toda sorte de elementos que o desprotegem ainda mais: as margens foram densamente ocupadas por residências (legais e ilegais) e indústrias. O rio da Capital conta, pelo menos, com o Parque Ecológico do Tietê e a maioria da várzea foi tomada por avenidas ao invés de residências.

“Na cabeça das pessoas, o Tamanduateí deixou de ser um rio. Elas perderam essa referência e em diversos mapas de São Paulo ele já aparece como um canal”, avalia Waldman. Como agravante, o rio foi tampado na região do Parque Dom Pedro II, no Centro da Capital.

“Acabar com as ligações clandestinas de esgoto e aprimorar a fiscalização ajudariam a melhorar a situação do rio”, explica o professor.

Para os mais radicais, se os esgotos deixarem de ser jogados no rio, o Tamanduateí passará a ser apenas um filete d'água. ▲



Cetso Luiz

Qualidade da água do Tamanduateí passa pela construção de estação de tratamento de esgoto ao longo de seu curso

## Mauá pode abrir mão de estação de tratamento

▼ Soluções para o tratamento de esgoto na região da bacia do Tamanduateí passam pela construção da ETE (Estação de Tratamento de Esgoto) de Mauá, que pode não mais sair do papel.

Até o primeiro semestre do ano passado, a promessa da Ecosama (concessionária que detém os serviços de esgotamento em Mauá) era de que a estação, que ficaria em Capuava, começaria a ser erguida ainda em 2009, mas, somente os trabalhos de terraplanagem devem ser iniciados neste ano.

A Ecosama trabalha ainda com a possibilidade de fazer uma parceria com a Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo), ao invés de investir todas as fichas na estação para sanar a questão do tratamento dos

dejetos produzidos por Mauá. Assim, o esgoto da cidade seria enviado para a ETE-ABC, na divisa entre São Caetano e a Capital.

Não há data-limite para que uma das alternativas seja escolhida pela concessionária (dar prosseguimento à nova ETE ou a parceria com a estatal).

É na ETE-ABC onde são tratados parte dos esgotos de Santo André e todo o volume produzido por São Caetano, a única cidade cortada pelo Tamanduateí que não despeja esgoto no leito.

A construção de uma ETE em Mauá era parte do contrato firmado entre a permissionária e a administração municipal.

A Prefeitura informou que a Secretaria de Meio Ambiente iniciou estudos

para retomar o projeto de despoluição do Rio Tamanduateí iniciado na última gestão do atual prefeito Oswaldo Dias (PT). Contudo, foi na gestão do petista que a história do rio ganhou um triste capítulo: um córrego que deságua no Tamanduateí foi vendido pelo prefeito para uma empresa, em 2004, por R\$ 39,3 mil.

Santo André aguarda a instalação de novos coletores-tronco da Sabesp na extensão do Tamanduateí para que o rio deixe de receber o esgoto doméstico do município, de acordo com o Sema (Serviço Municipal de Saneamento Ambiental). IMC

Amanhã, o Diário mostra a falta de investimento no Tamanduateí.

## Ainda dá tempo!

*Compromisso e competência  
formando gerações*

# VESTIBULAR 2009

**inscrições até 30/01**

**prova 01/02**

**MENSALIDADES  
REDUZIDAS**

F

S

A

**Fundação Santo André**

Colégio • Graduação • Pós-Graduação

4979-3333    [www.fsa.br](http://www.fsa.br)

# Tietê concentra verbas do poder público

Diferença de investimento entre o rio da Capital e o Tamanduateí chega a R\$ 5 bilhões

Cetso Luiz 9/1.09

Isis Mastromano Correia



Quase R\$ 5 bilhões separam os rios Tietê e Tamanduateí quando o assunto é investimento do poder público.

Nos últimos 17 anos, o rio que corta a Capital recebeu US\$ 1,4 bilhão (aproximadamente R\$ 3,295 bilhões) para trabalhos de recuperação e abarcará ainda outros US\$ 800 milhões (cerca de R\$ 1,883 bilhão) nos próximos seis anos.

Na outra ponta da bacia hidrográfica, o Tamanduateí recebeu, no mesmo período, pouco mais de R\$ 212 milhões em trabalhos que sublinharam somente o aspecto das cheias do rio e não de restauração da qualidade das águas.

A discrepância começa no valor consumido naquela que é tida como a principal intervenção feita na história recente do Tamanduateí. Foram gastos R\$ 200 milhões, em 1997, para aumentar a capacidade de escoamento do rio por 16 quilômetros de extensão de São Caetano à Capital.

Posteriormente, obras das margens por 10 quilômetros

do Tamanduateí consumiram R\$ 1 milhão cada quilômetro, de Santo André à São Caetano.

O superintendente do Daee (Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de São Paulo), Ubirajara Tannuri Felix, considera a revisão do Plano Estadual de Macrodrenagem o grande novo projeto para o Tamanduateí.

“Nesse momento, pela revisão do plano, o Tamanduateí está sendo milimetricamente estudado e, em abril ou maio, teremos uma visão completa do rio e toda bacia do Alto Tamanduateí”, garante Felix.

Porém, mais uma vez, um resultado plausível que aponta para as atuais necessidades do rio pode esbarrar na falta de verba. Os estudos para atualizar a situação de todas as bacias estaduais terão de ser feitos com R\$ 1 milhão, valor que o governo vai pagar para que seja revisado o Plano de Macrodrenagem.

Sem atenção específica, é do plano idealizado para o *primo rico* da Capital que o Tamanduateí acaba retirando frutos para melhoria de suas águas.

Graças ao Projeto Tietê, lançado em 1992 para reverter o quadro de degradação

do rio, é que a bacia do Tamanduateí ganhou a única ETE (Estação de Tratamento de Esgoto) da região, a ETE-ABC, nos limites entre São Caetano e São Paulo.

Também é reflexo do Projeto Tietê os 124,6 quilômetros de coletores e interceptores de esgoto instalados nas margens do Tamanduateí, desde a inauguração do programa.

A Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo) informou que na terceira fase do Projeto Tietê (que se estende de 2008 a 2015), Santo André e São Bernardo ganharão 120 quilômetros de coletores e interceptores, livrando o rio de parte dos dejetos recebidos hoje. A estatal não revelou quando as obras serão concluídas.

“É certo que a rede hidrográfica é integrada e trabalhos que melhoram a condição de um rio refletem nos demais. Mas, enquanto os avanços foram significativos no Tietê, o Tamanduateí empacou”, avalia a engenheira ambiental Meire Rodrigues, da USP (Universidade de São Paulo). “Sem o tratamento de 100% de todos os esgotos, tratar a limpeza de qualquer rio é como *enxugar gelo*”, completa. ▲



Último grande investimento no Rio Tamanduateí ocorreu em 1997, quando capacidade de escoamento aumentou

## Sem atenção especial, Tamanduateí é vilão para o Tietê

Além do Projeto Tietê, o rio que corta a Capital recebeu entre 2002 e 2006 outra grande intervenção: o rebaiamento e urbanização de sua calha que permitiram que uma porção das águas, da Capital até Osasco, voltasse a ser navegável e também conteve as inundações.

Tamanha atenção dada ao Tietê na última década pelo poder público e pela sociedade civil (o Projeto Tietê nasceu graças à pressão popular, com um abaixo-assinado de 1 milhão de assinaturas) acabou por transformar seus afluentes, sobretudo o Tamanduateí, em vilões.

É o rio que corta Santo André, São Caetano e Mauá o responsável por levar toda a carga poluidora, especialmente a industrial, do Grande ABC para o Tietê.

Ambientalistas estimam que o Tamanduateí seja culpado por pelo menos 15% de toda a poluição do Tietê.

O Projeto Tietê visa a construção de redes de coletores-tronco e o tratamento de esgoto para que os municípios não mais despejem essa carga poluidora diretamente no Tietê. Mas, para isso, todas as prefeituras têm de fazer suas redes locais e enviar os dejetos para tratamento.

São Caetano é a única a estar livre dessa missão, pois trata 100% de seu esgoto. Santo André espera fazer o mesmo até 2012 e Mauá ensaia tirar do papel uma estação de tratamento própria.

“Veja a importância que o governo do Estado deu para o Tamanduateí: gastou esse volume enorme de recursos para que o rio também fosse muito seguro, como é hoje o Tietê”, é o que defende o superintendente do Daee, Ubirajara Tannuri Felix. **IMC**

Amanhã, o Diário mostra a ocupação das margens do rio.

### CURSO DE FÉRIAS GRÁTIS

Escolaridade mínima: Nível Médio

**Santo André: de 26 a 29 de Janeiro • Manhã e Noite**

A Central de Concursos vai realizar a 8ª edição do CURSO GRATUITO DE FÉRIAS entre os dias 19 a 29 de janeiro em todas as suas unidades. Durante estes dias, profissionais de excelência da área de Recursos Humanos e da carreira pública vão ministrar palestras explicativas sobre a postura correta a ser adotada na busca pelo emprego dentro do mercado de trabalho e formas direcionadas de estudo para a conquista de uma vaga no quadro funcional do Governo. Reserve já sua vaga.

<b>1º e 2º dias</b>	<b>RECOLOCAÇÃO E MARKETING PROFISSIONAL</b>
<b>3º dia</b>	<b>GESTÃO DE CARREIRA PÚBLICA</b>
<b>4º dia</b>	<b>TÉCNICA DE APRENDER</b>

**INSCRIÇÕES ABERTAS** Os participantes receberão certificado de participação do evento e o livro "A Técnica de Aprender".

<b>SANTO ANDRÉ</b> R. Br. Bascoranga, 163JP 3017-8800	<b>SANTO AMARO</b> Av. Santo Amaro, 3.860 5189-8800
<b>ALPHAVILLE</b> Calçada das Flores, 74 4197-5000	<b>GUARULHOS</b> Av. Dr. Terezo Portinho, 714 2447-8800

**www.centraldeconcursos.com.br**

## O mercado escolhe quem escolhe a Metodista.

### PÓS-GRADUAÇÃO Especialização Lato Sensu

**BIOLÓGICAS E SAÚDE**

**Biologia**

- Imunologia
- Microbiologia Aplicada

**Biomedicina**

- Análises Clínicas

**Educação Física**

- Atividade Motora Adaptada
- Treinamento Esportivo e Musculação

**Farmácia**

- Farmacologia Clínica **NOVO**
- Gestão da Assistência Farmacéutica **NOVO**

**Fisioterapia**

- Fisioterapia Cardiorrespiratória
- Fisioterapia nas Disfunções Musculoesqueléticas
- Fisioterapia Neurológica

**Gastronomia**

- Gastronomia **NOVO**

**Odontologia**

- Cirurgia e Traumatologia Buco Maxilo Facial **NOVO**
- Dentística Restauradora – Ênfase em Estética **NOVO**
- Endodontia
- Estomatologia **NOVO**
- Odontopediatria **NOVO**
- Ortodontia
- Saúde Bucal Coletiva – Ênfase em Saúde da Família **NOVO**

**Psicologia**

- Gestão de Recursos Humanos e Psicologia Organizacional
- Psicologia Hospitalar e da Saúde: Abordagem Psicanalítica **NOVO**
- Psicopedagogia Clínica e Institucional

**Veterinária**

- Anestesiologia Veterinária, Terapia de Dor e Cuidados Paliativos
- Cirurgia de Pequenos Animais – Oncologia e Ortopedia
- Clínica Médica de Cães e Gatos
- Criação, Manejo, Clínica e Cirurgia de Felinos Domésticos
- Diagnóstico por Imagem
- Tecnologia, Produção, Higiene e Inspeção em Produtos de Origem Animal

**COMUNICAÇÃO**

- Comunicação Empresarial
- Gestão em Comunicação e Reputação Corporativas – Ênfase em Assessoria de Imprensa
- Gestão em Comunicação e Reputação Corporativas – Ênfase em Comunicação e Gerenciamento de Crises
- Jornalismo Cultural
- Planejamento Estratégico em Comunicação
- Produção para TV Interativa

**GESTÃO E NEGÓCIOS**

**Administração e Marketing**

- Assessoria Gerencial – O Profissional de Secretariado como Gestor de Serviços e Informações
- Gestão de Recursos Humanos e Psicologia Organizacional
- Gestão de Serviços
- Gestão Empreendedora e Estratégia de Negócios **NOVO**
- Gestão Empresarial
- Gestão Estratégica da Cadeia Logística Integrada
- Marketing

**Finanças e Contabilidade**

- Controladoria – Gestão de Negócios
- Estatística Aplicada
- Gestão Financeira
- Gestão Tributária
- Mercado Financeiro e de Capitais

**Gestão Pública**

- Gestão de Políticas Integradas para Infância e Adolescência
- Gestão e Políticas de Cultura – As Culturas na Construção da Cidadania

**HUMANIDADES**

**Educação e Letras**

- Educação Inclusiva: Desafios Atuais para a Educação Básica
- Educação Infantil
- Gestão Educacional da Escola Básica
- Língua Inglesa
- Português – Língua e Literatura
- Psicopedagogia

**Filosofia**

- Filosofia Contemporânea e História **NOVO**
- Pensamento Latino-Americano: Filosofia, Educação e Pensamento Social na América Latina

**Gestão Pública**

- Gestão de Políticas Integradas para Infância e Adolescência
- Gestão e Políticas de Cultura – As Culturas na Construção da Cidadania

**EXATAS E TECNOLÓGICAS**

- Estatística Aplicada
- Gestão de Sistemas de Informação **NOVO**

**Confira os períodos de inscrição.**  
(11) 4366-5000  
[www.metodista.br](http://www.metodista.br)

Aqui vida profissional é vida cidadã.

**Universidade Metodista de São Paulo**

# 6 SETECIDADES

Fotos: Tiago Silva



A facilidade de uso das águas atraiu indústrias químicas e petroquímicas para as margens do Tamanduateí



A favela do Jardim Oratório, em Mauá, é um dos núcleos de moradia mais precário ao longo de todo o rio

## Construções ocuparam margens do rio

Nas últimas cinco décadas, Tamanduateí se viu engolido por empresas e moradias

Isis Mastromano Correia



Não se tem números oficiais sobre quantas famílias moram em torno do

Tamanduateí, o certo é que especialmente nas últimas cinco décadas o rio viu-se engolido pelas construções urbanas que se apoderaram de suas margens sem pedir licença.

A história da ocupação

das margens do Tamanduateí começa ainda com os índigenas que habitavam seu entorno, contudo, o progresso insustentável das cidades fez com que moradias de toda sorte se instalassem à beira do rio, acabando com boa parte de sua várzea natural.

A resposta das águas para quem se fixou ao redor do Tamanduateí é muito clara: as enchentes.

Assim, os lugares cortados pelo rio que antes serviam à

convivência de pescadores e para matar a sede dos animais foram transformados pela modernidade nas chamadas áreas de risco.

As avenidas dos Estados, em Santo André, e Antonia Rosa Fioravanti, em Mauá, e os bairros Fundação e Prosperidade, em São Caetano, figuram na lista de alerta das Defesas Civis municipais, que em dias de chuva têm de dar atenção redobrada às áreas que se constituíram ao longo

do curso do rio.

“Na última chuva a água chegou até meu quintal. Dessa vez tivemos sorte”, lembra a dona de casa Silmara Lucia Gonçalves da Cruz sobre o dilúvio que assolou o Grande ABC em fevereiro de 2008.

O rio e a sala da casa de Silmara, no Jardim Itapeva, em Mauá, são separados por não mais do que quatro metros. A própria família tratou de cimentar uma porção de terra da margem, transfor-

mada em calçada.

O mato que cresce vertiginosamente na beirada do rio acaba fazendo as vezes de jardim. “A gente tem de pagar para cortar porque a Prefeitura não vem”, diz Silmara.

“Morar perto do rio? Bom, eu acho uma coisa normal”, avalia a desempregada Vânia Dias, que acredita ainda não ter sido refém das cheias por uma questão de tempo. “Me mudei para cá há uns três anos”, conta.

Ela e a família se instalaram há 500 metros da nascente do Tamanduateí. É nesse trecho que começam as primeiras ocupações da várzea que se estendem até a Capital, passando pelos bairros Vila Prudente e Mooca.

“O que é normal para eles é uma preocupação para nós”, lamenta o chefe das Defesas Civis do Grande ABC, tenente-coronel Valdeir Rodrigues, comandante do 8º Grupamento de Bombeiros. ▲

## Indústrias estimularam desenvolvimento do entorno

▼ Não só casas e avenidas engoliram as margens do Rio Tamanduateí. Atraídas pela facilidade de uso das águas, as indústrias também se instalaram em regiões próximas do leito.

Assim, os danos ambientais passaram a ser reforçados com o despejo de efluentes químicos no rio, além do esgoto doméstico.

Para os ambientalistas, o ultimato foi dado ao rio na década de 1950, com a instalação do Pólo Petroquímico, em Capuava, no coração do Tamanduateí. Com o aglomerado de indústrias, o rio passou a seguir seu curso por dentro das instalações de algumas empresas.

A Recap (Refinaria de Capuava) tem outorga para

captar 1.300 m<sup>3</sup> por hora de água do Rio Tamanduateí.

Numa espécie de piscinão, uma porção do rio fica retida dentro da fábrica que trata e reutiliza a água, que também é repassada para outras empresas do pólo.

Em Santo André, há ainda a Rhodia que margeia o rio. “O Tamanduateí é um rio diferenciado para a gente

porque tem todo tipo de cenário à sua volta. São casas de alvenaria, barracos, indústrias, áreas impermeáveis de Santo André a São Caetano, e áreas permeáveis em Mauá, que ainda tem essa vantagem”, avalia o chefe da Defesa Civil no Grande ABC, o tenente-coronel do Corpo de Bombeiros Valdeir Rodrigues.

O especialista defende aquilo que chama de solução óbvia para diminuir o prejuízo humano que é a ação das prefeituras em projetos habitacionais para melhorar a condição de moradia de quem vive perto do Tamanduateí.

“Aqui não tem nenhum ponto de lazer, então, minhas crianças brincam den-

tro do rio”, lamenta o mecânico Marcelo Cesari, morador do núcleo mais precário ao longo do leito, a favela do Jardim Oratório, em Mauá.

“Doença ainda ninguém pegou. É que pobre é forte”, aposta Cesari.

IMC

Amanhã, o Diário mostra o passado do Rio Tamanduateí.

### NOTA À IMPRENSA

#### APJ repudia atentado à liberdade de imprensa

A Associação Paulista de Jornais (APJ), entidade que reúne 14 dos principais jornais regionais do Estado de São Paulo, vem a público manifestar seu repúdio contra o atentado sofrido pela Rede Anhanguera de Comunicação (RAC) na noite da última quarta-feira em Campinas.

À ocasião, criminosos atiraram uma granada contra o prédio do grupo, que edita o jornal ‘Correio Popular’, um dos fundadores da APJ. O explosivo foi desarmado pela Polícia Civil, que, a princípio, vincula a autoria do crime a uma série de reportagens veiculadas a respeito de uma facção criminosa que age nos presídios do Estado.

Frente a um episódio que configura inaceitável tentativa de intimidação e agressão à liberdade de imprensa, a APJ presta solidariedade aos diretores, jornalistas e funcionários da empresa e cobra das autoridades competentes uma rigorosa apuração do caso e exemplar punição dos responsáveis.

São Paulo, 22 de janeiro de 2009.

Fernando Mauro M. Salerno  
Vice-Presidente e responsável pelo Núcleo Editorial e Liberdade de Expressão

Renato Zaiden  
Presidente

**APJ**

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE JORNALISTAS

www.apj.inf.br



Sem áreas de lazer no bairro, crianças brincam dentro do Tamanduateí



Moradores das margens esperam por melhoria nas condições de habitação



A ocupação humana nas várzeas trouxe lixo e entulho para perto do rio

## 4 SETECIDADES

Fotos: Arquivo pessoal

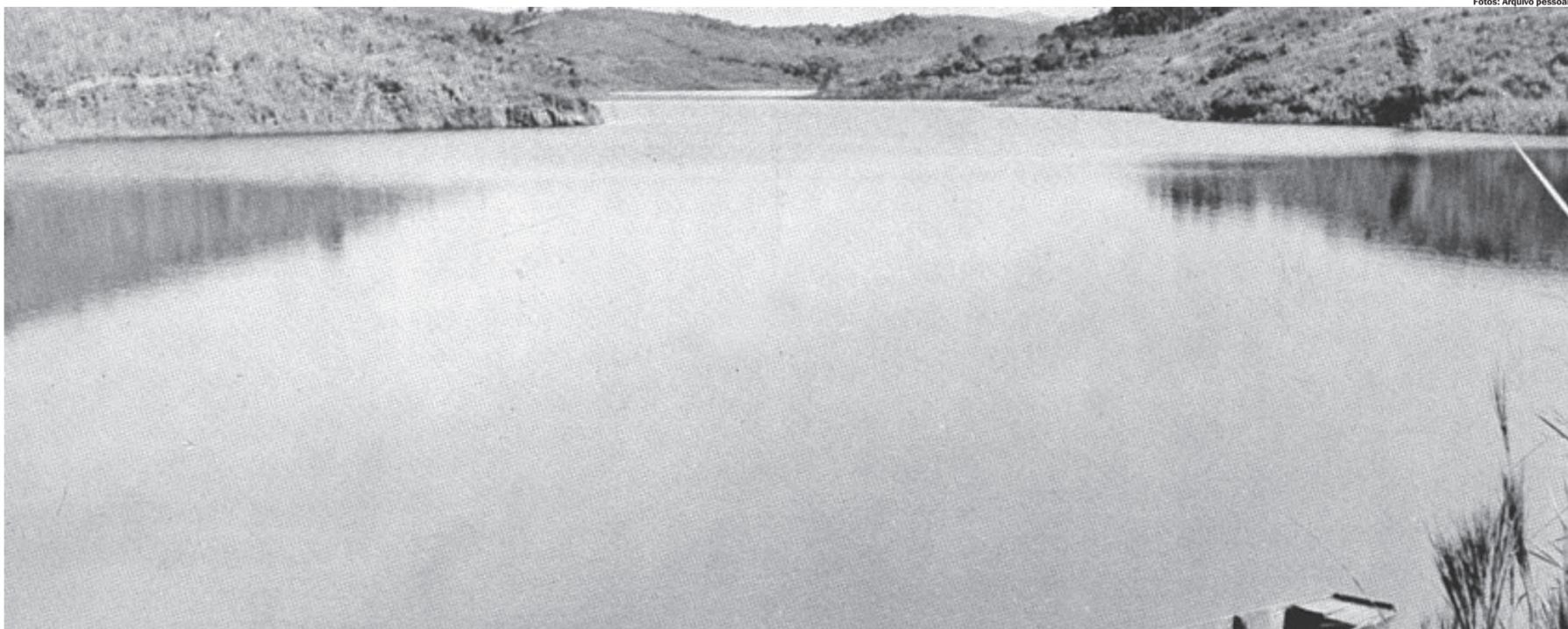


Imagem da década de 1920 mostra uma das sete curvas que o Tamanduateí possuía antes de serem colocados em prática planos de retificação do leito; eram as primeiras tentativas do governo para conter o transbordamento

**Colégio Pentágono.**  
O melhor ensino está aqui!

Fundamental I (1º ao 5º Ano - Matutino)  
Fundamental II (6º ao 9º Ano - Matutino)  
Ensino Médio (Matutino e Noturno)

Médio Técnico e Pós Médio (Matutino ou Noturno):

- Mecânica
- Química
- Informática
- Web Design
- Mídias Digitais
- Administração
- Turismo
- Vendas
- Meda
- Publicidade

**ETAPA** sistema didático

77 anos de resultados!

Informe-se sobre as datas do Concurso de Bolsas!

Formas de pagamento e preços especiais.

Rua Cel. Fernando Prestes, 326 - Centro - Santo André  
Fone: 4437-5377 - www.colgiopentagono.com.br

**ANCHIETA**  
via expressa para o mercado

www.portalanchieta.com.br | 2001-1999

Melhor relação entre custo benefício

**Pós-Graduação em 1 ano**

- Automação Industrial
- Docência do Ensino Básico e Superior
- Psicopedagogia
- Gestão Educacional
- Logística Empresarial
- Planejamento, Gestão e Marketing Turístico
- Sustentabilidade
- Letras: Gestão e Comunicação Estratégica
- Controladoria e Finanças
- Meio Ambiente com ênfase em Recursos Energéticos
- Gestão do Capital Humano
- Gestão Pública
- Gestão de Banco de Dados
- Gerenciamento de Projetos
- Governança de T.I.
- Competitividade Empresarial
- Gestão de Segurança da Informação

**Matrículas Abertas**

(11) 2823.1000  
www.portalanchieta.com.br

**ANCHIETA**  
Do Ensino Fundamental à Pós-Graduação

# Tamanduateí já foi usado para pesca e passeios

Rio foi fundamental para desenvolvimento da Capital e da região



Vegetação nativa tomava conta das margens, em 1963, em Capuava



As águas do rio correndo rumo a Santo André, na década de 1960



A distância da várzea até as águas, em Mauá, era menor do que atualmente

Isis Mastromano Correia



Quem tem 20 anos de idade pode não imaginar, mas as águas que jazem em torno de Mauá, Santo André e São Caetano, margeando a Avenida dos Estados até a Capital, até a década de 1940 serviram à pesca, aos banhos, aos passeios de barco e para matar a sede dos animais. Anos dourados em que o Tamanduateí podia ainda ostentar o título de rio antes do nome.

O rio de muitas voltas, como era chamado pelos índios que habitaram a região, mais adiante passou a servir aos portugueses que se aproveitaram da conexão que o leito proporcionava entre a Serra do Mar, o Rio Tietê, na Capital, e consequentemente com o Interior do Estado.

Com o tráfego intenso de mercadorias por suas águas, o Tamanduateí foi fundamental ao progresso da Vila de Piratininga, como era chamada a cidade de São Paulo.

A famosa Ladeira Porto Geral, na Capital, deve seu nome ao Tamanduateí. O caminho levava direto para um porto onde atracavam embarcações vindas pelo rio. O porto resistiu até o início do século 20, quando o poder público mudou o curso das águas.

Antes do batismo oficial, a ladeira levou os nomes de Beco dos Barbas, Beco da Barsa e,

claro, Caminho para o Tamanduateí. Naquela época, as cheias periódicas do rio davam aviso muito claro da limitação para ocupar suas várzeas, um sinal desobedecido ao longo dos anos. Só os pobres moravam perto das margens e as lavadeiras disputavam espaço nas águas.

As casas mais modernas que foram se instalando e faziam fundos com o rio possuíam escadarias onde os moradores atracavam seus barcos.

O Tamanduateí foi ainda o eixo condutor para a construção da estrada de ferro Santos-Jundiaí, em 1867. Trem e águas foram um chamariz e as primeiras indústrias começaram a se instalar no Grande ABC, desde então. Com as várzeas conferidas à iniciativa privada, o rio abandonou a possibilidade de ser dedicado ao uso público.

Em 1894, com a implantação do Projeto Carlos Bresser de retificação do Rio Tamanduateí, suas sete voltas começaram a desaparecer. Nos anos 1930 o rio ficou retilíneo.

“No Tamanduateí eu nadava, pescava, a gente bebia água, passeava. Na década de 1950 começou a poluição. Naquela época não tinha subsídio nenhum para denunciar aquela agressão ecológica, aliás, nem se falava em ecologia”, relata o artista plástico Sergio Longo, 62 anos, que frequentou até a adolescência com o rio, em Mauá, onde é nascido. “Na minha cabeça de menino aquilo (a degradação) ficou muito marcado porque de repente nós perdemos nosso ponto de referência”, diz.

A convivência com o Tamanduateí, sua morte anunciada, e a inércia das autoridades em recuperá-lo inspiraram Longo a escrever *Aqui tinha um rio*, livro que conta a história das águas na qual ele é personagem real, lançado há um ano e meio.

Exemplares podem ser adquiridos pelo e-mail correiodolongo@gmail.com. ▲

Amanhã o Diário finaliza a série com a falta de amparo ao rio.

## CURSINHO EXTENSIVO CONCURSO DE BOLSAS

ENTRE EM NOSSO SITE E CONFIRA AS NOVIDADES PARA 2009

INSCRIÇÕES

**SANTO ANDRÉ**  
R. Cel. Alfredo Fláquer, 76  
4990-4193

**SÃO BERNARDO**  
R. José Pelosini, 95  
4125-7034

**SÃO CAETANO**  
R. Carlos de Campos, 36  
4229-6059

www.singular.com.br



# Lei impede construção nas margens

Código Florestal proíbe ocupação de áreas de preservação permanente, como o Rio Tamanduateí

Isis Mastromano Correia



Todas as margens de cursos d'água no Brasil são consideradas

APPs (Áreas de Preservação Permanente) e vem da várzea do Tamanduateí, um dos maiores exemplos de transgressão da mais antiga lei nacional que trata sobre o entorno dos rios.

O Código Florestal, de 1965, é claro: é função do poder público municipal fazer valer a lei, fiscalizar e proteger as margens dos corpos d'água.

O Tamanduateí tem garantido, pelo Código Florestal, faixas que deveriam ser intocadas, onde construções só poderiam ser erguidas a 30 ou 50 metros de distância das margens.

Com a lei virtualmente engavetada, aquilo que deveria ser preservado foi dado para livre uso à iniciativa privada, com o aval das Prefeituras.

Além do setor industrial, os terrenos também foram loteados para residências e estabelecimentos comerciais, sem contar com as ocupações irregulares que se instalaram ao longo do rio.



Construções foram erguidas sem obedecer o limite de distância de até 50 metros das margens do rio

O geógrafo e ex-supervisor do DEPRN (Departamento Estadual de Proteção de Recursos Naturais), Marcio Ackermann, defende que as Prefeituras façam com urgência um diagnóstico de uso e ocupação do solo nas APPs do Tamanduateí.

“Um procedimento necessário para recuperar o rio, é cadastrar e mapear essas APPs ocupadas por setores produtivos em geral, pois as

empresas têm fluxo de caixa, têm condições de fazer um TAC (*Termo de Ajuste de Conduta*) e, por lei, contribuir no reflorestamento das margens”, avalia Ackermann, que é especialista em habitações precárias em APPs e produziu um trabalho de mestrado pelo IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) da Universidade de São Paulo sobre o tema. Hoje, a Recap (Refinaria de

Capuava) recupera parte das águas, mas, para benefício único das empresas do Pólo Petroquímico que reutilizam uma porção do Tamanduateí em suas atividades internas.

O bom exemplo de aplicação do Código Florestal vem da zona rural de São Paulo, onde todos os usineiros de cana firmaram um TAC e têm de tirar a cana das margens dos cursos d'água e reflorestá-las. ▲

## Fundo estadual repassa R\$ 1 milhão ao rio

Além da fiscalização deficitária, ações em benefício do rio vindas do poder público e de entidades civis têm caminhado a passos lentos.

Como nenhum projeto apresentado em 2007 para o rio emplacou, o recurso repassado pela Fehidro (Fundo Estadual de Recursos Hídricos) ao Tamanduateí ficou acumulado e, mesmo assim, o montante de 2007 e 2008 não passou de R\$ 1 milhão.

A secretária-executiva do Subcomitê Billings-Tamanduateí, Márcia Maria Nascimento, disse que o dinheiro deve ser utilizado em educação ambiental, conforme projetos aprovados pelo Comitê da Bacia do Alto Tietê.

Sem data definida, o subcomitê que cuida do Tamanduateí será reformulado este ano, mas ainda não há data definida para a eleição dos

novos membros. A presidência do sub-comitê é atualmente ocupada pela Prefeitura de Diadema.

É o Comitê do Alto Tietê que aprova a utilização do dinheiro vindo da Fehidro. Prefeituras, Estado e entidades civis podem utilizar o recurso desde que tenham seu plano de recuperação do rio aprovado.

A verba repassada pelo Fehidro é proveniente de *royalties* (compensação financeira devida ao Estado pelas empresas) pela utilização dos recursos hídricos. Todo comitê de bacia recebe uma parcela dos *royalties*.

Ontem, a Secretaria de Estado de Meio Ambiente infor-

mou que está analisando os planos das 19 bacias hidrográficas paulistas entregues no final de 2008.

Enquanto os projetos não saem do papel, São Caetano promete criar um Pelotão Ambiental da Guarda Civil Municipal para intensificar a fiscalização no Tamanduateí. A Prefeitura de Mauá e o Semasa (Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André) não informaram planos para melhoria da fiscalização.

A reportagem procurou os deputados estaduais da região para comentar possíveis ações de proteção ao rio, mas nenhum foi localizado.

IMC

Celso Luiz 9/1/09



Projetos aprovados para o rio propõem implementar educação ambiental nas comunidades próximas às águas

**PROMOÇÃO**

**2 MESES GRÁTIS**

**1º FUNDAMENTAL**

**Não perca tempo, Matrículas Abertas.**

Consulte o regulamento no site.

**ANCHIETA**

Do Ensino Fundamental à Pós-Graduação

[www.portalanchieta.com.br](http://www.portalanchieta.com.br) 2823.1000

**ABACO VESTIBULARES**

**53%**

Aprovações 2ª fase FUVEST

**Máxima preparação!**

**4352-2200**

Conheça alguns de nossos alunos aprovados para 2ª fase FUVEST

Eric Martelli Vilarosa (Arquitetura e Urbanismo)	Iuri Filipe Santos (Matemática)	Karina Janot dos Santos (Medicina)	Ana Carolina Modena (Psicologia)	Asia Moriama (Medicina)	Nany de Oliveira Amado (Direito)	Guilherme Augusto A. F. Maia (Engenharia - POLI)	Marília Botelho Lourenço (Ciências Biológicas)
Bruno Volasco Fregonzi (ADMINISTRAÇÃO)	Gabriela Sá Passos (JORNALISMO)	Cesar Henrique de Souza Inoue (PSICOLOGIA)	Kátia Ochsenhelfer (GESTÃO AMBIENTAL)	Bruno Souza Bastos (ENGENHARIA - POLI)	Joice Miyumi Kumamoto (ENGENHARIA - POLI)	Guilherme de Assis Manfredini (ESTATÍSTICA)	Renan Dallabarra (FÍSICA)

Maior carga horária • Simulados com 2ª fase • Revisão de Obras Literárias • Plano de estudo personalizado

**Curso extensivo com aulas exclusivamente aos sábados** **NOVO**

**SISTEMA DE ENSINO POLIEDRO**

Aulas específicas para: **MEDICINA - UFABC e ITA** - O mais forte e completo Material Didático